

## O olhar de Maria Isaura sobre o rural:

tradição e mudança

Teresinha D'Aquino

**Como citar:** D'AQUINO, T. O olhar de Maria Isaura sobre o rural: tradição e mudança. *In:* KOSMINSKY, E. V. (org.). **Agruras e prazeres de uma de uma pesquisadora:** ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 161-172. DOI: <https://doi.org/10.36311/1999.978-85-86738-08-5.p161-172>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## O OLHAR DE MARIA ISAURA SOBRE O RURAL: TRADIÇÃO E MUDANÇA

Teresinha D'Aquino<sup>1</sup>

Maria Isaura, seguindo a trilha de Émile Durkheim, Roger Bastide, Robert Redfield, Henri Mendras, Georges Gurvitch, Antonio Candido e outros, coloca-se sempre do ponto de vista do rural, para entender as relações entre o rural e o urbano e, do ponto de vista do urbano, para entender as relações deste com o meio rural. Trabalhando sempre os conceitos com muito rigor, insiste na especificidade da Sociologia Rural, como ciência que compreende as relações campo-cidade no interior de uma sociedade global.<sup>2</sup>

Neste estudo, buscarei captar a metodologia empregada, os procedimentos destinados a apreender a dialética entre o rural e o urbano e os processos que recriam os dois mundos. Simultaneamente, buscarei tipificar os bairros rurais, a partir das principais obras de Maria Isaura. Não tenho, neste trabalho, a intenção de delimitar a postura teórica da autora, mas aqueles que a influenciaram estarão presentes no estudo que faço de suas pesquisas sobre tradição e mudança no meio rural.

É assim que, classificando o sitiante tradicional brasileiro como um camponês, segundo as definições de Redfield retomadas na França por Henri Mendras, Maria Isaura indaga: *que é um camponês?* Ao estudar o conceito, para tratar do campesinato brasileiro,<sup>3</sup> lembra duas orientações: a postura histórica,

---

<sup>1</sup> Professora de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Câmpus de Marília.

<sup>2</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Dialética do rural e do urbano. In: \_\_\_\_\_. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil: ensaios*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978. P. 307.

<sup>3</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1973. p. 14 e ss.

em que a definição tem lugar a partir da sua gênese, e a orientação sócio-antropológica, em que se procura definir tais conjuntos dentro do contexto socioeconômico e antropológico atual, relacionando-os com diferentes tipos sociais.

Maria Isaura define o campesinato a partir de alguns traços fundamentais: o camponês é um trabalhador rural cuja produção se destina primordialmente ao consumo da família, podendo ou não vender o excedente após o pagamento do aluguel da terra quando não é proprietário; é sempre policultor, cultivando pequenas extensões de terra, empregando sistemas de cultivo e instrumentos rudimentares, e recorrendo a mão-de-obra familiar. Economicamente definido pelo objetivo de plantar para o consumo, sociologicamente constitui sempre uma camada subordinada dentro de uma sociedade global. Nesta, a camada superior tanto pode ser constituída por uma camada senhorial quanto por camadas urbanas. Não se desenvolve entre os camponeses nenhuma forma de solidariedade horizontal ou classista e seus movimentos de reação não ultrapassam o âmbito de uma localidade, assumindo com mais freqüência um caráter religioso ou messiânico, do que leigo.<sup>4</sup> Nesse contexto é impossível, segundo Maria Isaura, falar em *sociedades camponesas*, uma vez que as sociedades sempre se caracterizam pelas suas camadas dominantes e o campesinato sempre foi um conjunto de camponeses ocupando na sociedade global uma posição de inferioridade socioeconômica e política.

No Brasil, o campesinato é definido como a camada intermediária da população brasileira, colocada entre fazendeiros e escravos, no período colonial e entre fazendeiros e trabalhadores sem terra, no período pós-colonial. Essa camada pode ser constituída por sitiantes subordinados, clientela dos fazendeiros, ou por sitiantes independentes, vivendo em simbiose com os conglomerados urbanos. Às vezes coexistem com grandes fazendas monocultoras ou de criação e, em outras situações, aparecem na dependência de cidades vizinhas.<sup>5</sup>

Como vive, como pensa, como reage essa camada?

---

<sup>4</sup> São as manifestações messiânicas, estudadas por Maria Isaura, como parte do universo da cultura rústica.

<sup>5</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit., 1973, p. 26-32.

A camada intermediária de sitiantes agiu sempre como um tampão, amortecendo as arestas dos dois níveis sociais opostos. Alicerçados no sonho do trabalho autônomo, os camponeses se perpetuaram durante séculos e, na sociedade moderna, passam por rápido processo de integração à sociedade global como um estrato de situação social inferior. Nos diversos estudos empíricos que efetuou, nos bairros rurais paulistas de Taubaté, Leme, Paraibuna, Itapecirica etc., a autora chama a atenção para “a notável persistência dos valores básicos de trabalho autônomo e de situação econômica independente, que se procura manter a todo custo...”<sup>6</sup> Mesmo com um empobrecimento socioeconômico visível, adaptam-se às mudanças socioeconômicas procurando manter o gênero de vida e preservando a autonomia e a independência. Em outros bairros, como em Rio das Pedras e Torrinha, já há o desaparecimento do mutirão e de outras atividades peculiares aos bairros rurais, o que indica o aparecimento de novos padrões econômico-sociais, uma transformação em processo.

Muda o *sistema da roça*, acaba a reunião da *família grande*, afirmam os entrevistados de Maria Isaura em Rio das Pedras. Por isso é possível prever, diz a autora, “que dentro de poucos anos a modificação afetará por sua vez as relações de parentesco e as atividades religiosas, que constituem o núcleo das relações sociais do grupo e lhe dão sua identidade”.<sup>7</sup> Essa constatação leva a pensar nas transformações por que passa o meio rural em modernização, no momento do estudo, processo pelo qual a camada de sitiantes autônomos que, no passado, ocupou um nível intermediário na estrutura rural, tende a integrar-se na sociedade global moderna do país, como um estrato de situação social inferior. Observa o processo ocorrendo, do ponto de vista da estrutura social e do ponto de vista etnológico:

sua degradação econômica os transforma em precários consumidores, ao mesmo tempo que lhes acarreta uma posição social subalterna e muito baixa. Quando comparada sua existência com os padrões tradicionais, ela se alterou para pior.

---

<sup>6</sup> Idem. *Bairros rurais paulistas*. São Paulo:Duas Cidades, 1973. p. 111.

<sup>7</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit., 1973, p. 201.

Quando comparada com os padrões atuais da sociedade brasileira industrializada, o termo que a define é *miséria*.<sup>8</sup>

Antes de analisar o processo de mudança por que passa a sociedade camponesa, segundo as pesquisas de Maria Isaura, passarei à caracterização, por ela empregada, de bairros rurais. Nessa caracterização procurarei proceder como a autora, tomando o cuidado de não separar o universo empírico e a abordagem teórica empregada para analisá-lo e compreendê-lo.

Conceituando bairro rural como “um grupo de vizinhança de *habitat* disperso, mas de contornos suficientemente consistentes para dar aos habitantes a noção de lhe pertencer, levando-os a distinguí-lo dos demais bairros da zona”,<sup>9</sup> Maria Isaura, apoiada em Antonio Candido,<sup>10</sup> considera o *sentimento de localidade* um elemento básico para delimitar sua configuração, tanto no espaço geográfico como no espaço social. O núcleo central era tradicionalmente marcado pela capela e a festa do padroeiro constituía um dos momentos importantes de reunião para os camponeses dispersos, momento que afirmava a personalidade do bairro em relação aos vizinhos.

Cada bairro se compunha de famílias conjugais autônomas, autárquicas, que, no entanto, não podiam prescindir do auxílio da vizinhança: mutirão, troca de serviços e outras formas de cooperação constituíam a maneira de congregar os habitantes do bairro, além da festa religiosa. Nesse contexto insere-se o compadrio, uma ligação de parentesco que se estabelece entre o padrinho e a madrinha de um mesmo afilhado, constituindo um grupo. A relação padrinho-madrinha exprime de maneira justa a ligação entre o santo e seus devotos. As relações que se estabelecem entre o mundo natural e o sobrenatural são do mesmo tipo que as relações familiares e de vizinhança: os santos são os protetores na vida e após a morte e tem-se com eles os mesmos sentimentos de afeição, ternura e zanga. A parentela do sitiante tradicional divide-se em duas partes, uma

---

<sup>8</sup> Idem, *ibid.*, p.45-6.

<sup>9</sup> PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, 1973, p. 111.

<sup>10</sup> CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. (N.O.).

profana e outra sobrenatural, composta pelos membros mortos da família agrupados em torno do padroeiro.

Maria Isaura, em *Bairros rurais paulistas*, tomando como ponto de partida os estudos de Antonio Candido, com quem se identifica, demonstra que

estabelecia-se uma rede estreita de relações entre os roceiros pertencentes ao mesmo grupo de vizinhança, que adquiriam consciência da unidade e do funcionamento deste. Configuração social intermediária entre a família, de um lado, e de outro lado o arraial, ou a vila, ou a cidadezinha, o bairro apresentava as formas mais elementares de sociabilidade da vida rústica, que se alargavam em diferentes graus a partir dele, na seguinte escala: a) relações familiares; b) relações de vizinhança; c) relações dos bairros entre si; d) relações com a região; e) relações com o exterior (isto é, com tudo que ultrapasse a região). Tal graduação indica que os bairros, constituindo embora unidades funcionais relativamente autônomas, eram sempre tributários de um povoado ou de uma cidadezinha... Eram os bairros rurais internamente estruturados de maneira igualitária, isto é, todos os habitantes pertenciam em geral ao mesmo nível social.<sup>11</sup>

Participando das mesmas crenças, das mesmas práticas religiosas, dos mesmos costumes, dos mesmos conhecimentos técnicos, dos mesmos labores, era difícil surgir diferenciação social hierárquica muito bem definida. Economicamente uniformes e socialmente organizados através dos mutirões, não havia, nos bairros rurais, surgimento de liderança propriamente dita ou mesmo o desenvolvimento de um germen de estratificação social.

Numa homenagem ao velho mestre Gurvitch, Maria Isaura privilegia a percepção do espaço para compreender os bairros rurais. Encontra neles o *locus* privilegiado da formação da idéia de sociedade e de mundo pelo sitiante tradicional. Por meio da parentela e do grupo de vizinhança, o sitiante situa-se no mundo, no espaço em suas múltiplas dimensões: geográfica, social e sobrenatural. Esse espaço é, ao mesmo tempo, concêntrico, difuso e

---

<sup>11</sup> Idem, op. cit., 1973, p. 4.

descentralizado. Difuso, por envolver vasta extensão geográfica bem como a parentela dispersa e difusa; concêntrico, uma vez que centrado na capela, ponto central do grupo de vizinhança e dos lugares habitados pelas famílias que o compõem. Esse espaço, aparentemente ambíguo, de fato encerra a esperança de melhoria de vida, de bem-estar para o sitiante tradicional, ao garantir, pela incorporação de novas terras férteis, o equilíbrio econômico considerado ótimo, definido pela tradição. Encerra também, para o camponês ciente de sua parentela extensa, a segurança de que nunca estará só.<sup>12</sup>

Os bairros rurais, pelo seu relativo isolamento, constituem o espaço em que persistem com mais vigor as manifestações folclóricas. A dança de São Gonçalo, estudada pela autora no livro *Sociologia e Folclore: a dança de São Gonçalo num povoado baiano*,<sup>13</sup> publicado em 1958, é encontrada também em bairros rurais paulistas, bem como a catira, o cateretê, a Folia do Divino. Em geral é coroada pelo leilão de prendas obtidas entre as famílias que integram o grupo de vizinhança.

A esse conjunto de culturas tradicionais do homem do campo, Maria Isaura dá o nome de *cultura rústica*, adjetivo que qualifica grupos, valores e padrões de comportamento próprios da cultura camponesa. Esse conjunto está engastado numa constelação mais ampla, a sociedade global brasileira, formada pela sua conjugação com a cultura urbana e a primitiva.<sup>14</sup>

Unidade básica da sociabilidade caipira, o bairro rural paulista pode ser encontrado nas áreas de povoamento mais antigos e mais esporadicamente nas zonas cujo desbravamento data do início deste século. Maria Isaura, no livro *Bairros rurais paulistas*, estuda o bairro rural, a partir das relações entre a unidade formada por este, e a sociedade mais ampla que o circunda e engloba, denominada de *sociedade global*, segundo conceito de Gurvitch.<sup>15</sup> Numa bem cuidada

<sup>12</sup> Vide a respeito PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. O sitiante tradicional e a percepção do espaço. In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 1973. Artigo escrito em homenagem a Georges Gurvitch.

<sup>13</sup> Idem. *Sociologia e folclore: a dança de São Gonçalo num povoado bahiano*. Salvador: Progresso, 1958.

<sup>14</sup> Idem. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. p. 163-4.

<sup>15</sup> Idem, op. cit., 1978, p. 268.

abordagem etnográfica descreve o bairro, estuda sua composição interna e as relações que mantém com todo o meio social circundante, formado pela sede do município a que o bairro pertence, pela região em que ele se encontra engastado, e pelas cidades grandes com que porventura se relacione.<sup>16</sup>

Considerando que a explicação de um fenômeno se encontra nas configurações móveis dos fenômenos sociais globais em curso, em seus fluxos e refluxos, Maria Isaura conclui que cada fenômeno:

cada camada social, cada estrutura, cada conjuntura, encontra sua explicação num encadeamento global que jamais se repete tal e qual e que é histórico. E há também toda uma dialética entre o conhecimento obtido através das análises sociológicas, de um lado, e a história, de outro, que vem contribuir para que o encaminhamento das coisas e dos conhecimentos seja sem fim...<sup>17</sup>

Coerente com esse princípio, deixa completamente de lado a abordagem por meio de monografias de comunidade, empregadas pela Sociologia americana, e parte para a identificação de regiões homogêneas para estudar os bairros rurais típicos em cada uma delas, pensando-os em seus processos dinâmicos, como pluridimensionalidade compreendida através da implicação ou imanência dialética mútua. Nessa vertente de análise dialética, elementos ou termos à primeira vista heterogêneos seguem a mesma direção, se contêm reciprocamente, se interpenetram, são parcialmente imanentes uns aos outros, sem perderem sua identidade específica.<sup>18</sup> Seguindo essa metodologia, distingue zonas pioneiras, em que são encontráveis mais os agricultores, isto é, pequenos proprietários orientados para o lucro, que não podem ser considerados camponeses e zonas em que persistia a civilização caipira, no período estudado (décadas de 1960 e 1970). Propõe-se a estudá-los enquanto fenômenos globais.

---

<sup>16</sup> Idem, op. cit., 1973, p. 12-3.

<sup>17</sup> Idem, op. cit., 1978, p. 276.

<sup>18</sup> Idem, ibid., p. 274.

Como para a autora o método comparativo continua sempre o método por excelência das Ciências Sociais,<sup>19</sup> levanta material para estudar vários bairros no interior paulista, processo em que engaja sucessivas gerações de jovens pesquisadores.

A metodologia adotada nesses estudos combina a análise diacrônica,

recolhendo dados que permitissem a reconstituição da fisionomia sócio-econômica do bairro dentro de sua região, num momento específico de sua existência — isto é, num momento em que se captaria a sincronia de todos os elementos; ou então estudar as variações havidas num período de tempo, variações que deviam requerer várias formas de adaptação recíprocas.<sup>20</sup>

Maria Isaura emprega como técnicas, a observação direta, as entrevistas dirigidas ou informais, os dados estatísticos, além de estudos de documentos históricos, mapas e gráficos geográficos, demográficos e econômicos.

Após ter estudado os bairros rurais na década de 1960, que resultaram no livro *Bairros rurais paulistas*, publicado em 1973, os objetivos de Maria Isaura se alargam, estendendo-se a outros estratos sociais, como os fazendeiros médios, que utilizam em geral mão-de-obra assalariada, os proprietários e empresários agrícolas, os japoneses e até mesmo o núcleo de colonização dirigida da Fazenda Santa Helena, no município de Marília.

Já no livro *O campesinato brasileiro*, publicado em 1973, estuda a transformação socioeconômica em processo, a orientação da vida produtiva pelo mercado e comercialização, a individualização e o desaparecimento do grupo de vizinhança e das formas de cooperação e ajuda mútua do sistema anterior de roça. E constata que, estruturada de acordo com o modelo de sociedades camponesas, a sociedade rural brasileira estaria em vias de passar a ser uma

---

<sup>19</sup> Para a Maria Isaura, “a comparação, procedimento essencial da Sociologia, está sempre presente, seja cotejando momentos diversos de um mesmo grupo ou camada social, seja contrapondo variedades que ocorrem de forma contemporânea, mas localizadas em lugares diferentes do espaço social ou do espaço geográfico”. In: PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit., 1978, p. IX e op. cit., 1973, p. 11.

<sup>20</sup> Idem, op. cit., 1973, p. 15.

sociedade rural de tipo capitalista. O trabalho rural, que anteriormente se definia como um *gênero de vida*, abrangendo todos os aspectos da existência e todos os momentos, na década de 1970 já se profissionaliza. Surgem os trabalhadores volantes, morando na cidade e trabalhando na roça; o ritmo de existência das camadas superiores se impõe também para esses trabalhadores e observa-se profunda mudança qualitativa na sociedade rural brasileira ao modernizar-se, modificação que, para a autora, “significa o abandono gradual de um tipo de organização e gênero de vida”.<sup>21</sup>

A região industrializada age, segundo Maria Isaura,

como centro integrador que vai progressivamente articulando as outras regiões do país — isto é, reorganiza o espaço nacional em função de uma interdependência e de uma solidariedade econômica que vai atingir diretamente mesmo as regiões mais recuadas.<sup>22</sup>

Ao tratar a relação entre rural e urbano como *coisa*, no sentido durkheimiano do termo, isto é, fato social a ser estudado do exterior, como propõe em *Dialética do rural e do urbano* e pensando a sociedade como um todo integrado, a autora assume postura durkheimiana. Em consequência, como não concebe o camponês como classe, mas como camada intermediária e não visualiza a mudança enquanto conflito de classes ou processo de expropriação, atém-se, na explicação da dinâmica das transformações na sociedade rural, ao âmbito estrutural, cultural e às formas de comportamento, em processo de rearticulação.

O surgimento de um processo de industrialização no Brasil, ocorrido após o aburguesamento das cidades, faz com que ocorra ruptura cultural entre as cidades e o meio rural. Os sitiantes tradicionais, que anteriormente abasteciam as cidades, vêem-se repelidos quando elas se transformam, pela adoção de um novo modo de vida. A industrialização desencadeia um processo muito rápido de crescimento das cidades, que não podem mais depender, para seu

---

<sup>21</sup> Idem, op. cit., 1973, p. 23.

<sup>22</sup> Idem, op. cit., 1978, p. 289.

abastecimento, de uma produção agrícola baseada em trabalho rural nos moldes tradicionais.

Adota-se, gradativamente, um padrão de comportamento burguês, abandonando o comportamento camponês. Surge, por exemplo, a separação entre o universo masculino e feminino, em que os casais passam a ver como anormal e indesejada a participação da mulher nos trabalhos do campo. Na sociedade burguesa, afirma Maria Isaura, a distinção

entre dois mundos, o masculino e o feminino, é muito marcada. Não se trata de divisão de tarefas, porém, de dois universos diferentes e afastados, valorizados de maneira diversa (o universo masculino considerado superior ao universo feminino) e portanto, também, com uma localização social inconfundível. Ao contrário do que sucede na sociedade camponesa, a mulher não pode tomar o lugar do homem e exercer-lhe as tarefas.<sup>23</sup>

Diz ainda Maria Isaura,

Nos lugares do campo em que é possível uma conversão do trabalho, esta se opera; estes lugares ficam mais ligados às cidades modernas, e cada vez mais se cava um fosso entre a vida nelas, de um lado, e a vida rural tradicional, de outro, a ponto de parecerem dois universos distintos. Daí decorre a imagem de duas sociedades paralelas no Brasil, coexistindo quase isoladamente uma da outra. Em cada região brasileira, estes processos surgem em momentos diferentes e em lugares diferentes; porém surgem sempre devido à ligação entre campo e cidade dentro da sociedade global.<sup>24</sup>

A interligação entre o meio rural e o meio urbano, colocada como posição metodológica pela autora, revela que a imagem de sociedades paralelas coexistindo não passa de ilusão, pois os processos aparentemente independentes que ocorrem no campo são também “criadores das cidades”.<sup>25</sup>

<sup>23</sup> Idem, op. cit., 1973, p. 238-9.

<sup>24</sup> Idem. Do rural e do urbano no Brasil. In: SZMRECSÁNYI, T., QUEDA, O. (Org.). *Vida rural e mudança social*. São Paulo: Editora Nacional, 1972, p. 214.

<sup>25</sup> Idem, *ibid.*, p. 218.

Na tarefa de explicação da mudança, busca elementos para o estudo da dialética entre o rural e o urbano, empregando a dialética múltipla, através “da qual se pode realmente apreender os fatos sociais em suas especificidades, relações, influências recíprocas, processos daí resultantes”.<sup>26</sup> Nesta perspectiva, para Maria Isaura, campo e cidade não se apresentam como uma dualidade, pois há uma impenetrabilidade recíproca; também não se apresentam como dois casos de sincretismo. Apresentam-se, sim, como dois fatos que podem ter áreas que se recobrem, ora convergem, ora divergem, às vezes se associam, às vezes se opõem, mas que através desses fluxos e refluxos mantêm sua identidade<sup>27</sup>.

A opção metodológica leva a autora aqui estudada a passar da pesquisa de bairros rurais para a pesquisa do meio rural em geral, pois para ela “todo trabalho interpretativo exige um vaivém entre a unidade pesquisada e a sociedade global”.<sup>28</sup> Nesta busca, Maria Isaura procura a explicação, perscrutando “as conjunturas históricas e estruturais em que o fato, a instituição, a estrutura, o processo, tiveram nascimento; a explicação está, portanto, associada à gênese do fenômeno”.<sup>29</sup>

Ao olhar o rural, destaca-se a percepção de como a autora, já nas décadas de 1960 e 1970, o concebia em relação com o urbano, estando os dois mundos envoltos em processos que recriam o campo e as cidades. Ressalta, também, a compreensão dos processos pelos quais os sitiantes são repelidos do abastecimento das cidades e se vêem empobrecidos pela destruição do seu modo de vida tradicional. Por outro lado, estudos mais recentes demonstram que o milenar estilo de vida camponês, tendo enfrentado no Brasil os embates das décadas de 1950 a 1980, reaparece recriado nas frentes de expansão e nos assentamentos de trabalhadores rurais, o que aponta para a necessidade de novos estudos sobre a cultura camponesa, sua tradição e mudança. Nessas pesquisas, a mobilidade social e espacial como estratégia para a realização da utopia camponesa, temas tão caros a Maria Isaura, serão sem dúvida, pontos de referência.

---

<sup>26</sup> Idem, op. cit., 1978, p. 308.

<sup>27</sup> Idem, *ibid.*, p. 309.

<sup>28</sup> Idem, op. cit., 1972, p. 205.

<sup>29</sup> Idem, op. cit., 1978, p. 309.